

O Fenómeno Subversivo na Actualidade. Contributos para o seu Estudo

Francisco Proença Garcia

Major de Infantaria

Resumo

Neste estudo foi utilizada uma perspectiva holística e pluridisciplinar no sentido de alcançar a resposta a uma questão fundamental: “como pode este fenómeno ser caracterizado e apresentado?” tendo sido organizado em quatro partes. A primeira diz respeito ao fenómeno da subversão e às suas características no presente; a segunda parte foca as suas causas e a terceira tenta identificar algumas tipologias possíveis. Por fim, identifica-se e sistematiza-se as premissas que seguem o fenómeno da subversão.

Abstract

The Subversive Phenomenon Today: A Contribution

In this essay a holistic and pluridisciplinary approach has been used to reach an answer to the following fundamental question: “how can this phenomenon be characterized and how it’s expressed currently?” and is organized in four sections. The first concerns insurgency and its present characteristics; the second emphasizes its causes and the third tries to highlight some possible typologies. Finally, one identifies and systematises the premises that follow the phenomenon of insurgency.

Introdução

A actual conjuntura internacional, onde o papel do Estado soberano está em crise, facilita o crescimento e o disseminar da violência internacional não-estatal, deixando as guerras de obedecer à concepção típica do anterior sistema internacional. Hoje, a violência global que é permanente, manifesta-se sobretudo de uma forma assimétrica, não tem uma origem clara, pode surgir em qualquer lugar e apresentar um cariz subversivo.

O nosso estudo, que se intitula a “O fenómeno subversivo na actualidade. Contributos para o seu estudo”, sugere-nos logo à partida uma questão fundamental, que nos parece de inegável interesse: como se caracteriza e como se manifesta o fenómeno subversivo na actualidade?

As agora generalizadamente chamadas subversão e guerra subversiva, são fenómenos cuja origem se perde na História, tendo sido teorizados e desenvolvidos desde a Antiguidade por autores que vão de Sun Tzu a Bin Laden, passando por exemplo por Nguyen Giap e Amílcar Cabral, entre tantos outros.

São inúmeros os conceitos que podemos encontrar para a definição de subversão, todos eles referindo uma intenção de alteração da ordem e do poder vigentes, ou mesmo a sua conquista. Nós defini-la-íamos como uma técnica de *assalto ou de corrosão dos poderes formais, para cercar a capacidade de reacção, diminuir e/ou desgastar e pôr em causa o poder em exercício, mas nem sempre visando a tomada do mesmo.*

Existe uma confusão frequente entre o conceito de subversão e o de guerra subversiva. A subversão, como aqui a definimos, nem sempre conduz à guerra subversiva, mas temos por certo que a antecede ou que a acompanha. Esta é a mais hábil e sofisticada forma de conflito¹ e consiste numa “luta conduzida no interior de um dado território, por uma parte dos seus habitantes, ajudados e reforçados ou não do exterior, contra as autoridades de direito ou de facto estabelecidas, com a finalidade de lhes retirar o controlo desse território ou, pelo menos, de paralisar a sua acção”².

A guerra subversiva, que se inicia antes de se evidenciarem as suas manifestações violentas, subordina-se, em regra, a uma ideologia política de um grupo orga-

1 COLINS, John, *Military Strategy - principles, practices, and historical perspectives*. Washington: Brassey's, 2002, p. 167.

2 ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, *O Exército na guerra subversiva. I Generalidades*. Lisboa. Reservado, 1966 a, cap. I, p. 1.

nizado, que actua conscientemente, com planeamento, preparação e conduta na actuação contra o poder estabelecido (legítimo ou de ocupação), não sendo uma acção espontânea e descoordenada da população. Os meios (violentos ou não, legais ou não) para a levarem a cabo são avaliados pela eficácia e pelo seu valor relativamente ao fim em vista, materializando a população o seu centro de gravidade³.

No desenvolvimento clássico do fenómeno subversivo, essencialmente de origem rural, em princípio distinguem-se dois períodos e cinco fases de limites mal definidos, frequentemente indistinguíveis: o período pré-insurreccional, que compreende a fase preparatória e a fase de agitação, e o período insurreccional, que compreende a fase armada (de terrorismo ou guerrilha), a de Estado Revolucionário e a fase final. O seu valor é relativo pelo que os conflitos devem ser estudados casuisticamente; a implantação das mesmas fases pode não ser simultânea na totalidade do território-alvo, procurando, em todo o caso, respeitar a lógica do esquema e evitar ser detida na transição do período pré-insurreccional para o insurreccional⁴.

As actuais guerras com cariz subversivo são referidas por outros autores como de terceiro tipo⁵, de quarta geração⁶, de debilitação nacional⁷, guerras pós-modernas⁸, ou mesmo, como adianta Mary Kaldor⁹, por guerras novas.

Parece-nos oportuno esclarecer que inserimos a subversão num conceito alargado e abrangente, integrador de diversos outros conceitos, razão pela qual daqui em diante, referiremos indistintamente, guerra subversiva/guerra revolucionária/guerra insurreccional, pois todas elas se desenvolvem em ambiente subversivo e empregam técnicas comuns para obter o controlo político do Estado ou simplesmente para desgaste do poder instituído. Neste sentido, e porque as guerras subversivas combinam as diversas formas de violência, são uma guerra política na expressão de Paul Smith¹⁰, que através de uma estratégia total, pretendem, em última análise, a implantação de um novo sistema político ou, no mínimo, o desgaste do vigente, pela prática de um desenvolvimento lento, de guerra prolongada e de esgotamento da ordem constituída.

3 Idem.

4 OLIVEIRA, Hermes de Araújo, "A Resposta à guerra subversiva", in, *Subversão e contra-subversão*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1963, pp. 24-26.

5 HOLSTI, Kalevi, *The State, War, and the State of War*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

6 HAMMES, Thomas, *The Sling and the stone - on war in the 21st Century*. Zenith Press, 2004.

7 GELB, Leslie, "Quellin te teacup wars", in, *Foreign Affairs*, 1994, n.º 73, 6, pp. 2-6.

8 LUTTWAK, Edward, "Towards post-heroic warfare", in *Foreign Affairs*, 1995, vol. 74, n.º 3, May-June.

9 KALDOR, Mary, *New and Old Wars: Organized violence in a global Era*. Stanford University Press, 2001.

10 SMITH, Paul, *On Political war*. Washington: National Defense University, 1989, p. 3.

O nosso estudo está dividido em quatro partes. Na primeira analisamos a subversão na actualidade, como ela se manifesta e a que aparece associada, depois procuramos identificar quais as suas principais causas, para de seguida avançarmos com uma possível classificação por tipologias, finalizando com a sistematização das principais premissas que acompanharam o evoluir do fenómeno.

1. O Fenómeno Subversivo na Actualidade

Hoje, as zonas de interesse estratégico fundamentais alteraram-se e passaram a ser aquelas que são capazes de exportar a sua própria instabilidade¹¹ e as guerras deixaram de obedecer ao modelo clausewitziano. As novas guerras, para além dos Estados, envolvem outros actores das Relações Internacionais que se opõem entre si. Estes não representam um Estado, não obedecem a um governo e possuem uma capacidade e um impacto desestabilizador em regiões do planeta muito específicas¹².

O processo que está em curso é progressivo, irregular e caótico¹³ considerando alguns autores que o mundo está a enfrentar uma situação de neo-medievalismo¹⁴, favorecendo o falhanço do Estado e o crescimento da violência internacional não-estatal, em casos extremos, privatizada¹⁵. Para Herfried Munkler passou a haver uma desmilitarização da guerra, no sentido em que os objectivos civis não se distinguem dos militares e a violência extrema é exercida contra não combatentes e sobre todos os domínios da vida social¹⁶, em que se usam profusamente crianças soldado¹⁷, sendo também normal a generalização da violação do direito aplicável aos conflitos armados, bem como do regime de protecção dos direitos humanos.

As formas de barbárie que não aparecem desprovidas de funcionalidade, permitem assegurar a fidelidade dos participantes e criam uma cumplicidade do crime,

11 RAMONET, Ignacio, "Des nouveaux intérêts stratégiques", in, BOUVET, Beatrice e DENAUD, Patrick, *Les guerres qui menacent les mondes*. Paris: Editions de Félin, 2001, p. 56.

12 DOUGHERTY James; PFALTZGRAFF, Robert, *Relações Internacionais: As Teorias em confronto*. Lisboa: Gradiva, 2003 p. 360.

13 CREVELD, Martin Van, *La Transformation de la guerre*. Paris: Éditions du Rocher, 1998, p. 249.

14 BERZINS, Chris; PATRICK, Cullen, "Terrorism and neo-medievalism", in, *Civil Wars*. Vol 6: 2 (Summer), 2003, pp. 8-32.

15 KALDOR, ob. cit. pp. 91-96.

16 MUNKLER, Herfried, "The wars of the 21st century", in, *IRRC*. March 2003, Vol. 85, n.º 849, p. 18.

17 SINGER, Peter, *Children at War*. New York: Pantheon Books, 2005, p. 7.

de afirmação de uma identidade colectiva face ao Inimigo, de exercer sobre ele um terror cruento, dificultando a sua resistência pela imprevisibilidade e arbitrariedade das represálias e da sua crueldade¹⁸. Hoje a violência ascendeu aos extremos, e o que separa a guerra da selvajaria é a existência da honra do soldado¹⁹.

Tendo em consideração que os actores deste tipo de conflito são outros, também o seu carácter teve que evoluir: são guerras irregulares, estrutural ou temporariamente assimétricas, sem frentes, sem campanhas, sem bases, sem uniformes, sem respeito pelos limites territoriais, de objectivos fluidos, de combate próximo, estando os combatentes misturados com a população que utilizam como escudo e, se necessário, como moeda de troca. Os seus “pontos fortes” estão na inovação, na surpresa e na imprevisibilidade, em que os fins justificam os meios, empregando por vezes o terror, onde o estatuto de neutralidade e a distinção civil/militar desaparecem. Estas guerras hoje não são apenas mais comuns do que no passado mas, devido aos recursos que envolvem, pelo impacto na estratégia militar e na governação, na gestão das crises e nas situações de reconstrução nacional pós conflito, são também estrategicamente mais importantes e desenvolvem-se em ambiente operacional de cariz subversivo.

As actuais guerras procuram convencer os líderes políticos adversários que os seus objectivos são inatingíveis ou muito caros para os benefícios esperados²⁰, provocando consequências no sistema internacional como um todo.

Nestas guerras as maiores vítimas são os civis que representam mais de 90% das baixas²¹ das quais, na última década, 2 milhões eram crianças, numa média de uma em cada três minutos²², constituindo-se acima de tudo no principal objectivo.

Da mesma forma que Clausewitz fez em relação à guerra, podemos comparar o fenómeno subversivo a um camaleão, que modifica um pouco a sua natureza e se adapta a cada caso concreto²³, assumindo hoje um carácter e formas qualitativamente novas.

18 SÉMELIN, Jacques, “Rationalité de la violence extrême”, in *Critique Internationale*. Paris: Presses de Sciences Po, n.º 6, hiver 2000, p. 124.

19 IGNATIEFF, Michael, *The Warrior's Honor: ethnic war and the modern conscience*. London: Chatto and Windus, 1998, p. 157.

20 HAMMES, Thomas, ob. cit. p. 2.

21 PEARSON, Frederic; ROCHESTER, Martin, *International Relations: The global condition in the twenty-first century*. New York: McGraw-Hill, 1997, p. 306.

22 SINGER, Peter, *Children at War*, pp. 4-5.

23 Clausewitz, Carl Von, *Da Guerra*. Lisboa: Ed. Perspectivas e Realidades, 1976, p. 89.

Com o fim da Ordem dos Pactos Militares²⁴ houve alterações significativas que foram introduzidas no conflito subversivo, sendo possível considerar duas circunstâncias com impacto em tempos diferentes. A primeira será o impacto imediato produzido pelo fim da Guerra Fria, sobretudo pelo fim do apoio prestado pelas grandes potências aos conflitos por procuração, sendo fundamental para se compreender a subversão contemporânea identificar o papel das suas novas formas bem como das fontes de financiamento²⁵. A segunda alteração, o impacto da globalização, porque mais profundo e extenso, faz-se sentir num período mais dilatado, ainda não terminado²⁶.

A subversão na actualidade manifesta alguma diferenciação nos métodos e nos meios e diversas inovações, como o transferir do esforço das áreas rurais para as urbanas com a sequente incapacidade de concentração e actuação em larga escala; uma diversificação de apoios; a criminalização de actividades; o alargar das ligações e a capacidade assimétrica de projectar poder com o terrorismo transnacional²⁷, mas manifesta igualmente algumas linhas de continuidade em relação ao passado como a assimetria, a ambiguidade, a lassidão, etc.,

O desenvolvimento provocou uma alteração nas formas de actuação dos grupos subversivos, que hoje recorrem à alta tecnologia de informação e de comunicação disponível, surgindo o termo *infosurgents*²⁸. Hoje, as fases do ciclo evolutivo clássico da guerra subversiva podem não ser seguidas, saltando-se etapas e passando-se directamente da organização para a exteriorização armada do fenómeno. Actualmente, em algumas tipologias de subversão, o tradicional apoio da população já não é considerado essencial²⁹, considerando-se mesmo que a subversão contemporânea apenas necessita da sua passividade³⁰, dado que hoje, grande parte dos movimentos subversivos precisam somente de garantir as fontes de abastecimento e instalações que lhes permitam fazer chegar os recursos naturais dos diversos territórios ao mercado internacional. Porém, em nosso entender, uma vez que a subversão se movimenta entre a população, aquele apoio é sempre fundamental, seja para ser manipulado, instrumentalizado, conquis-

24 MOREIRA, Adriano, *Teoria das Relações Internacionais*. Coimbra: Almedina, 1996, p. 452.

25 BYMAN, Daniel [et. al], *Trends in outside support for insurgent movements*. Santa Monica: Rand Corporation, 2001, p. XIX.

26 MACKINLAY, John, *Globalisation and insurgency*. Adelphi Paper 352. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 15.

27 METZ, Steven; MILLEN, Raymond, *Insurgency and counter-insurgency in the 21st century: Reconceptualizing threat and response*. Carlisle: US Army War College, 2004, pp. 12-14.

28 KIRAS, James, "Terrorism and irregular warfare", in, BAYLIS, John [et. al.], *Strategy in the contemporary world. An introduction to strategic studies*. New York: Oxford University Press, 2002, p. 227.

tado ou mesmo para a transformar apenas em espectadora pouco atenta, conseguindo desta forma a sua inacção.

1.1. A subversão e o crime organizado transnacional

Quando os Estados que têm as suas estruturas de soberania pouco consolidadas entram em colapso, perdem o controlo, a legitimidade e a coesão³¹, facilitando a criação, disseminação e consolidação de ligações e redes de crime³², as Organizações Criminosas Transnacionais (OCT). Estas, que possuem objectivos lucrativos muito bem definidos, uma capacidade de planeamento ao nível estratégico e de condução de conflitos armados, envolvendo um inimigo ou uma rede de inimigos, socorrendo-se muitas vezes das mais modernas tecnologias³³, desenvolvem a sua actividade criando um ambiente subversivo, não visando, no entanto, a tomada técnica do poder.

Com as verbas geradas adquirem um nível de poder que anteriormente era reservado exclusivamente a Estados. Expressam-no pela capacidade para destabilizar, económica, social e até politicamente os países onde operam e por tentarem conquistar indirectamente o poder político pela corrupção dos seus órgãos de soberania e dos funcionários, podendo até em alguns casos influenciar a eleição de um governo. Por outro lado, com a finalidade de intimidar e atentar o poder instituído de forma a garantirem completa liberdade de acção nas suas actividades criminosas, grupos como o *Mara Salvatrucha*, estão dispostos a usar elevados níveis de violência armada³⁴ e, por vezes, tal como já acontece na Bolívia e na Colômbia, chegam a administrar partes significativas de um determinado território, assumindo assim as funções do próprio Estado³⁵, colocando os conceitos tradicionais de soberania e integridade territorial em causa.

29 MACKINLAY, John, ob. cit. pp. 28-29.

30 METZ, Steven, MILLEN, Raymond, ob. cit. p. 13.

31 PAULINE, Baker; JOHN, Ausink, "State collapse and ethnic violence: toward a predictive model", in, *Parameters*. Carlisle: U.S. Army War College, Spring 1996, p. 20.

32 COOPER, Robert, *The Breaking of nations. Order and chaos in the twenty-first century*. New York: Atlantic Monthly Press, 2004, p. 66.

33 CARRIÇO, Manuel, "Os novos desafios político-militares dos conflitos assimétricos", in, *Revista Militar* n.º 8/9, Agosto/Setembro 2002, p. 622.

34 SANTOS, Loureiro dos, *Convulsões - Ano III da guerra ao terrorismo*. Lisboa: Europa-América, 2004, pp. 91-92.

35 SOKOLSKY, Richard, CHARLICK-PALEY, Tanya, *NATO and Caspian security: a mission to far?* Santa Monica: RAND Corporation, 1999, p. 51.

As novas formas de subversão associadas aos conflitos armados que surgem no contexto da globalização também têm uma dimensão económica, quer na origem, quer nas consequências³⁶. São ainda indivisíveis do que é criminal, que passa para além das fronteiras e envolve regiões inteiras, misturando numa rede económica informal o saque e a pilhagem, o tráfico de seres humanos, de armas e narcóticos, as contribuições de imigrantes³⁷, os “impostos” sobre assistência humanitária³⁸, tudo a viver da insegurança, da guerra, carecendo da continuação do conflito.

Foram diversas as organizações revolucionárias como o *Mouvement des Forces Democratiques du Casamance* e o *Sendero Luminoso* que se envolveram na comercialização de estupefacientes, criminalizando as suas actividades, pondo assim um pouco à parte a vertente ideológica do conflito e transformando-se em narco-guerrilhas³⁹.

A criminalização pode também afectar as Forças Armadas (Paquistão, Peru, Turquia), que ou se deixam corromper entrando numa lógica de enriquecimento pessoal (narco-corrupção), ou então utilizam os fundos para se autofinanciarem⁴⁰.

1.2. As guerras civis, a luta urbana e o terrorismo

Algumas guerras civis podem assumir, nalgumas fases do seu desenvolvimento, um carácter subversivo. Os conflitos internos que tendem a disseminar-se e que com facilidade ultrapassam as fronteiras físicas dos Estados, constituem uma fonte acrescida da instabilidade internacional⁴¹, ao ponto de hoje em dia ser difícil distinguir se uma guerra é interna, internacional ou mista, pois há um amplo leque de tonalidades de transição.

Nas guerras civis encontramos uma disjunção entre identidades e acções ao nível das elites e, por outro lado, ao nível das massas. As alianças formadas pela conveniência respondem às oportunidades de cada momento, e inserem-se num contexto

36 WILLIAMS, Phil, “Combating transnational organized crime”, in *Transnational threats: blending law enforcement and military strategies*. Carlisle: U.S. Army War College, 2000, p. 189.

37 ANGOUSTURE, Aline; PASCAL, Valérie, “Diasporas et financement des conflits”, in JEAN, François et RUFIN, Jean-Christophe (Coord.), *Economies des Guerres Civiles*. Paris: Hachette, 1996.

38 JEAN, François, “Aide Humanitaire et Economie de Guerre”, in JEAN, François et RUFIN, Jean-Christophe (Coord.), *Economies des guerres civiles*. Paris: Hachette, 1996.

39 LABROUSSE, Alain, “Territoires et Réseaux: L'exemple de la Drogue”, in JEAN, François et RUFIN, Jean-Christophe (Coord.), *Economies des Guerres Civiles*. Paris: Hachette, 1996.

40 Idem.

41 DOUGHERTY James; PFALTZGRAFF, Robert, ob. cit. p. 360.

conflitual a nível nacional e outro a nível local, que estilhaça a autoridade em milhares de fragmentos e micro-poderes⁴².

Se outrora as cidades eram o culminar do processo subversivo, actualmente são o seu meio ambiente privilegiado. Hoje, no mundo em desenvolvimento, assistimos a uma combinação explosiva entre o crescimento populacional e a urbanização⁴³. As populações rurais motivadas pela fome, pobreza e pelas guerras, refugiam-se ou imigram para os grandes centros urbanos que crescem desreguladamente. Essas comunidades migrantes vão-se instalar nas cinturas suburbanas em condições sub-humanas. Neste ambiente encontram terreno para emergir as mais diversas formas de subversão, como os *gangs de rua*⁴⁴, que ajustam as suas táticas e estratégias, no bom reconhecimento de que o centro de poder político-económico-militar, está na conurbação, que o poder pode e deve ser atacado na sua sede e não na periferia⁴⁵, sendo a prossecução de objectivos políticos através de actuações violentas compelida para as cidades e para operações de pequena envergadura; ao mesmo tempo, a luta urbana inviabiliza ou condiciona a utilização de determinados meios pela contra-subversão⁴⁶.

Assim como na guerrilha rural, nas selvas de zinco e adobe, os combatentes que se misturam com a população com mais facilidade conseguem a cobertura dos *media*, mostrando a incapacidade do poder para a proteger⁴⁷. Neste pano de fundo, a subversão acaba por controlar uma determinada área e estabelecer formas alternativas de poder, beneficiando os seus seguidores com a prestação de alguns apoios (incluindo a distribuição de alimentos).

A luta urbana não é uma técnica nova. Assim foi na América Latina, onde no final da década de sessenta do século XX, o centro de gravidade da luta subversiva passou do campo para a cidade, o que rapidamente originou uma nova doutrina da guerrilha urbana. No Brasil destacaram-se guerrilheiros urbanos como Carlos Lamarca e Carlos Marighella. Este último acreditava que uma pequena elite subversiva poderia explorar o mais ligeiro descontentamento e actuar como catalisador de uma insurreição popular

42 KALYVAS, Stathis, "The Ontology of "political violence": action and identity in civil wars", in, *Perspectives on politics*. Washington D.C.: American Political Science Association, 2003, vol. 1, n. ° 3, p. 479.

43 TAW, Jennifer; HOFFMAN, Bruce, *The urbanization of insurgency*. Santa Monica: Rand Corporation, 2005, p. 2.

44 MANWARING, Max, *Street gangs: the new urban insurgency*. Carlisle: US Army War College, 2005.

45 LAQUEUR, Walter, *Guerrilla. A historical and critical study*, p. 344.

46 O'NEIL, Bard, *Insurgency and terrorism. Inside modern revolutionary war*. Dulles: Brassey's, 1990, p. 45-47.

47 TAW, Jennifer; HOFFMAN, Bruce, ob. cit. pp. 15.

mais generalizada, sem, no entanto ser necessário efectuar a construção de uma organização política⁴⁸, onde o apoio estudantil e da população em geral aumentava na razão directa da repressão das autoridades governamentais. As principais qualidades e vantagens da guerrilha urbana seriam a surpresa no ataque, um melhor conhecimento do terreno, uma maior mobilidade e velocidade e uma melhor rede de *intell*⁴⁹.

No Uruguai os *Tupamaros*, que combinavam a concentração estratégica com a descentralização tática, enfrentaram o problema comum a todas as guerrilhas urbanas: enquanto os seus elementos eram poucos e a escala das operações reduzida, permaneciam numa segurança relativa; porém, com o crescimento da organização surgiam os problemas logísticos, de bases e com mais facilidade eram identificados e capturados⁵⁰.

As acções subversivas em ambiente urbano surgiram ainda entre outros países como na Itália (*Brigadas vermelhas*), na Alemanha (*Baader-Meinhof*), na Argentina (*Montoneros*) e no Perú (*Sendero Luminoso*). Todas desafiaram a integridade política e sócio-económica dos seus países, criando um clima de instabilidade e de insegurança individual e colectiva⁵¹, seguindo um processo doutrinário comum, de três fases típicas da subversão urbana: organização, desordem civil e terrorismo⁵², procurando sempre a repressão violenta do poder. No fundo, o aparelho do Estado devia ser desmoralizado, parcialmente paralisado, destruindo-se assim o mito da sua invulnerabilidade e ubiquidade.

O terrorismo transnacional, que é uma entidade de estrutura celular, desterritorializada e por vezes acéfala⁵³, procura atingir os pontos mais críticos de convergência entre a sociedade e o aparelho do Estado e está mais vocacionado para desgastar o poder que desafia ou para promover a sua rejeição do que para o derrubar, procurando forçar um comportamento repressivo, logo comprometedor, e demonstrar a constrangedora ineficácia da prevenção⁵⁴. Para além da espectacularidade dos efei-

48 MARIGHELLA, Carlos, *Manual do guerrilheiro urbano e outros textos*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Assírio e Alvim, 1969, p. 39.

49 Idem, ob. cit. pp. 70-79.

50 LAQUEUR, Walter, *Guerrilla. A historical and critical study*. London: Westview Press, 1984, p. 346.

51 MANWARING, Max, *Shadows of things past and the images of the future: Lessons for the insurgencies in our midst*. Carlisle: US Army War College, 2004, p. 29.

52 LAQUEUR, Walter, *Guerrilla. A historical and critical study*, p. 377.

53 BAUER, Alain; RAUFER, Xavier, *A Globalização do terrorismo*, Lisboa: Prefácio, 2003, p. 106.

54 MONTEIRO, Amaro, "Sobre a distinção entre guerrilha e terrorismo", in Comunicação apresentada no âmbito do Seminário *Terrorismo: o combate nacional e transnacional*, realizado no Convento da Arrábida, 4 e 5 de Julho de 2002.

tos das suas actuações (concepção e execução dos actos materiais em si mesmos), procura a ressonância publicitária junto da opinião pública, bem como os efeitos psicológicos causados nos alvos⁵⁵.

O entendimento do fenómeno do terrorismo após o 11 de Setembro foi, nos Estados Unidos da América, sujeito a revisão na sequência do aparecimento de estratégias de desestabilização globais e mais radicais. O seu potencial foi acrescido, quer pelo grau de violência, quer pela capacidade organizativa ou mesmo pelas novas estratégias de recrutamento⁵⁶, quer ainda pela privatização da sua actividade⁵⁷. O fenómeno sofreu também uma alteração qualitativa e passámos a falar do ciberterrorismo, do bioterrorismo, do ecoterrorismo, do terrorismo químico e mesmo do nuclear⁵⁸.

2. As Causas Actuais do Fenómeno Subversivo

Podemos analisar a subversão segundo dois ângulos que podem ser interdependentes: uma análise racional em função dos objectivos, ou por outro lado, uma análise segundo as motivações de quem no terreno efectua as táticas subversivas, onde os combatentes agem sem racionalidade e de forma emocional.

Actualmente, os objectivos são idênticos aos do passado, o que há de novo, em nosso entender, são as motivações e as diferenças nas táticas e nos novos recursos utilizados, incluindo tecnológicos. No fundo, a substância mantém-se, mas a forma varia.

Pela descrição elaborada sobre o fenómeno subversivo na actualidade, podemos efectuar uma sistematização das suas principais causas. Esta será apenas uma forma possível que auxilia a análise do fenómeno descrito, devendo ter presente que nesta sistematização as fronteiras são ténues e, por vezes, cumulativas. Assim, consideramos como principais causas da subversão na actualidade:

55 Podemos detalhar sobre esta intenção numa carta entre dois líderes da al-Qaeda, al-Zawahiri para al-Zarqawi, onde este refere "we are in a battle, and that more than half of this battle is taking place in the battlefield of the media". Este documento refere ainda a necessidade de se conquistar o importante apoio da população, disponível em <http://www.dni.gov/releases.html>.

56 ROMANA, Heitor, "O novo modelo do terrorismo islâmico: desafios à análise em informações estratégicas", in *Informações e Segurança: Livro em Honra do General Pedro Cardoso*. Lisboa: Editora Prefácio, 2004, p. 258.

57 SINGER, Peter, *Corporate Warriors - The rise of the privatized military industry*. New York: Cornell University, 2004 b, p. 52.

58 LAQUEUR, Walter, *The New Terrorism: Fanaticism and the arms of mass destruction*. New York: Oxford University Press.

- A histórica resistência contra ocupantes como aconteceu na Península Ibérica face ao invasor francês no século XIX e hoje no Iraque;
- As formas clássicas da luta de libertação e ideológica, como ainda hoje em algumas regiões da América Latina;
- Em áreas menos desenvolvidas o desencadear de fenómenos violentos de cariz subversivo para conquistar um poder frágil, como acontece um pouco por todo o Continente africano;
- Económicas, associados ou não ao crime organizado;
- A afirmação de identidades nacionais e conflitos de ajustamento de fronteiras tem impellido determinados grupos a desencadear guerras de secessão. As motivações podem ser alternativas ou cumulativas e podem ser étnico-culturais, económicas, etc.. Em princípio nada têm a ver com as guerras da independência anti-colonial, mas de comum têm a afirmação de uma identidade. Este processo de ajustamento é quase sempre endógeno, explorado por potências exógenas, como acontece no Médio-Oriente, na Ásia Central e em algumas regiões de África;
- As transições de estágio civilizacional. O desenvolvimento das sociedades e a sua transição do pré-modernismo para o modernismo, ou deste para o pós-modernismo⁵⁹, uma vez que alteram a ordem do modelo instituído, contêm em si os gérmenes de uma subversão. Este tipo de mudança cria e altera significativamente as formas e relações de produção, as estruturas do poder, as relações entre governantes e governados. As consequências sociais são potencialmente devastadoras, pois afectam o equilíbrio das estruturas tradicionais, colocando em risco a sua integridade social e cultural. No mundo ocidental, é o modelo de Estado providência que é posto em causa;
- São ainda passíveis de tensão e ruptura nos diversos níveis (interno e externo) as diferentes formas de migração e a conurbação com o fenómeno superveniente do desemprego, da “miséria doirada” e de luta/instabilidade social; o populismo⁶⁰; as tensões e mesmo a manifestações de agressão e violência entre sociedades pré-modernas, modernas e pós-modernas quando perante os contrastes oferecidos;

59 COOPER, Robert, ob. cit.

60 ROPP, Steve, *The strategic implications of the rise of populism in Europe and South America*. Carlisle: US Army War College, 2005.

entre essas diferentes sociedades, ou no respectivo interior, de tendências promotoras de laicismo e outras de confessionalismo e, entre culturas e grupos culturais portadores de comportamentos rígidos, com características ou práticas susceptíveis de influenciar massas consideráveis⁶¹.

3. As Tipologias Subversivas

Face à caracterização efectuada do fenómeno e depois de identificadas as suas principais causas, hoje é possível classificar a subversão em quatro grandes tipologias: *lumpen*, clânica, popular e, global; sendo cada tipologia explicada como um modelo constituído por inúmeras facetas de análise (liderança, recrutamento, organização, etc.)⁶², comportando um ou mais dos móbiles identificados.

As tipologias enunciadas são meramente académicas e servem como instrumento de análise para explicar a natureza particular de um determinado movimento. Esta não é uma tipologia estanque, as características de cada uma são passíveis de se expandirem e cruzarem entre elas.

Os movimentos *lumpen* são bandos armados ligeiramente organizados, de estrutura informal e horizontal, que podem emergir e obter sucesso contra um Estado fraco, a sua energia irradia da rua e não pelo desenvolvimento intelectual de uma ideologia, a actuação militar precede a conceptualização dos motivos, em vez de emergir deles, e é levada a cabo sobretudo em áreas rurais; a disciplina assenta na brutalidade extrema, com utilização profusa de estupefacientes e de bebidas alcoólicas, onde o apoio da população surge pela mera questão de sobrevivência, pois os elementos das *unidades lumpen* sistematicamente agridem e exploram as populações; a pertença ao grupo, para além da sobrevivência, é uma questão de identidade, sendo o recrutamento forçado⁶³. A Frente Unida Revolucionária da Serra Leoa é um bom exemplo.

Para Ignatieff, forças destas podem ter apoio estatal, podendo fazer o trabalho sujo e cometer as maiores atrocidades contra a vida e dignidade da pessoa humana, o que não é “consentido” às forças regulares⁶⁴.

61 MONTEIRO, Amaro, “Sobre a distinção entre guerrilha e terrorismo”, in Comunicação apresentada no âmbito do Seminário *Terrorismo: o combate nacional e transnacional*.

62 MACKINLAY, John, ob. cit. p. 43.

63 Idem, p. 44-54.

64 IGNATIEFF, Michael, ob. cit. p. 132.

As tipologias subversivas de base clânica, como aconteceu na Somália, são definidas pelos laços familiares das estruturas que podem ser mobilizadas para o conflito em unidades militares primitivas que são capazes de efectuar pequenas acções, mas não um combate sustentado; são muito idênticas na actuação às forças *lumpen*, lutando sobretudo por recursos e, cada vez mais, numa perspectiva de enriquecimento, porém as lealdades assentam na genealogia e a pertença não é uma opção; uma unidade de combate de um clã é organizada numa estrutura tradicional, onde as decisões são deliberações dos mais velhos que desempenham um papel de relevo e a sua perenidade deve-se à necessidade individual de sobrevivência.

As suas forças são a manifestação da sua cultura e apresentam poucos vestígios de doutrina de insurreição ou de organização em estado-maior, e a liderança é indicada pelos membros, de onde lhe advém o ascendente pelos pares e a boa aceitação pelos mais velhos, de quem dependem na angariação de fundos e recrutamento⁶⁵.

As forças populares distinguem-se pela sua ideologia mais elaborada e pela proximidade das populações que apoiam essa ideologia, tendendo para uma organização militar mais consolidada. Na forma tradicional podemos dizer que tem um período pré-insurreccional e um insurreccional. São a resposta a um Estado forte, surgem de uma organização em segredo que pode evoluir e conduzir operações prolongadas no tempo. A sua estrutura é celular e tendem para adquirir uma componente política autónoma da militar. Um bom exemplo é o dos movimentos independentistas. Os seus métodos variam dependendo da fase da campanha.

Por vezes, é difícil distinguir quando estamos perante uma campanha revolucionária ou apenas de senhor da guerra. Actualmente, como já referimos, um movimento subversivo cai com facilidade na criminalização da actividade, sem procurar qualquer outra forma de responsabilidade social e política que beneficie a população⁶⁶.

A subversão global da actualidade, que surge com Bin Laden, caracteriza-se por uma organização militar cujos elementos têm uma proveniência geográfica diversa, apoiada por uma vasta diáspora que partilha a mesma ideologia ou religião, e as suas acções são acompanhadas pelos *media* que lhe ampliam o impacto⁶⁷. O seu principal móbil é a modificação da actual ordem internacional e o estabelecer de um

65 MACKINLAY, John, ob. cit. pp. 54-66.

66 Idem, p. 94.

67 Idem, pp. 12-13.

Califado no coração do mundo islâmico, o Iraque⁶⁸, regido por uma *Sharia* concebida a partir de uma interpretação integrista do Corão, tendo como objectivos intermédios, estender a *jihād* aos países seculares da região e a sequente substituição das suas lideranças; no fundo, dominar os Estados e disseminar uma forma de “governança”.

Estes movimentos estão muito próximos dos movimentos populares, mas são distintos, pois têm intenções, objectivos, recrutamento e organização globais. Neste tipo de subversão há diversas facetas em tudo semelhantes às dos cartéis da droga: estruturas de rede transnacionais; compartimentação em células semi-autónomas que desenvolvem a maioria das actividades críticas da organização; planeamento meticuloso das operações com um extremo cuidado na pesquisa e análise de *intelligence*, ambos aprendendo com a experiência, adaptando as suas estratégias e práticas⁶⁹. Porém, a al-Qaeda ocupa uma posição de coordenação na rede terrorista transnacional⁷⁰ e o seu móbil, como já referimos, não é o lucro, mas sim uma amálgama de considerações político-religiosas.

A sua estrutura parece estar a evoluir para uma maior descentralização, num conjunto de redes de base regional⁷¹, formando uma “rede de redes”, na expressão de Loureiro dos Santos, demonstrando uma capacidade de actuação global, atacando inclusivamente o coração de grandes poderes, como fez em Nova Iorque, Madrid e Londres, conseguindo sobreviver a intensas contra-medidas⁷². A sua capacidade de sobrevivência advém-lhe da desterritorialização, e a mistura entre religião, ideologia, crime e fontes de investimento, torna difícil determinar a origem clara de qualquer fundo terrorista específico. Em princípio provém de doadores privados, investimentos legítimos, do narcotráfico e de outras actividades criminosas⁷³.

68 Podemos detalhar mais em diversas declarações de Bin Laden disponíveis em www.state.gov/s/ct/rls/pgrtrpt/2003/31711.htm, e mais recentemente em <http://www.dni.gov/releases.html>.

69 KENNEY, Michael, “From Pablo to Ossama: Counter terrorism lessons from the war on drugs”, in, *Survival*. London: International Institute for Strategic Studies, Vol. 45, n.º 3, Autumn 2003, p. 192.

70 Idem, p. 196.

71 SINGER, Peter, “The war on terrorism: the big picture”, in, *Parameters*. Carlisle: U.S. Army War College, Summer 2004 a, p. 145.

72 MACKINLAY, John, ob. cit. p. 79.

73 WINER, Jonathan; ROULE, Trifin, “Fighting terrorism finance”, in, *Survival*. London: International Institute for Strategic Studies, Vol. 44, n.º 3, Autumn 2002, p. 89.

4. Premissas Subversivas de Sun Tzu a Bin Laden

Pela descrição efectuada pode-se concluir que uma subversão metódica, de cunho voluntarista, normalmente visa desmoralizar ou desintegrar e desacreditar a autoridade, seguindo cinco premissas que se encontram nos práticos da subversão, de T'ai Kung, passando por Mao e indo até Bin Laden: sustentar que o governo é indigno; sustentar que o governo não está identificado com valores nacionais e, portanto, se apresenta como estrangeiro; atacá-lo com violência e persistência, para impressionar as massas; procurar a impunidade dos ataques, para demonstrar que o governo é impotente e, logo, figuração a derrubar e, neutralizar e/ou arrastar as massas para impedir uma intervenção espontânea a favor do restabelecimento da ordem anterior⁷⁴.

O processo é sempre eficiente, reunidas as condições mínimas nos terrenos sobre que incida. O sinal da sua concreta procedência ideológica bem como da estratégia em que se integra, muitas vezes só é perceptível depois de apurar a quem aproveita ele, isto sem embargo de “conjunturas nas quais, perdido o controlo por parte do «autor moral» (situação mais frequente nas organizações terroristas), a subversão entra em órbita irregular (aproveitável então por forças diferentes das da partida) ou passa a funcionar como elemento de erosão passiva”⁷⁵.

A contínua proliferação de grupos subversivos parece-nos ser um indicador claro que esta forma de luta assimétrica foi largamente entendida como um meio efectivo de alcançar o poder, sendo que os movimentos que obtiveram sucesso foram aqueles que mostraram capacidade de organizar uma infra-estrutura política suficientemente durável para aguentar um conflito de longa duração⁷⁶.

5. Conclusão

O fenómeno da subversão obedece a estratégias de actuação globais, que visam sempre o poder, carecendo assim, para a sua análise, de uma abordagem holística. Nesta ordem de ideias, no início do nosso estudo propusemo-nos responder à seguinte

74 MUCHIELLI, Roger, *La Subversion*. Paris: CLC, 1976, p. 69 e MONTEIRO, Amaro, *O Islão, o Poder e a Guerra (Moçambique 1964-1974)*. Porto: Universidade Portucalense. Monteiro, 1993, p. 23.

75 MONTEIRO, Amaro, *O Islão, o Poder e a Guerra (Moçambique 1964-1974)*. Porto: Universidade Portucalense. Monteiro, 1993, p. 23.

76 BECKETT, Ian, *Insurgency in Iraq: A historical perspective*. Carlisle: U.S. Army War College, 2005, p. 3.

questão genérica de partida: como se caracteriza e como se manifesta o fenómeno subversivo na actualidade.

A descrição e sequente análise efectuadas, permitem-nos afirmar que a subversão é um fenómeno político intemporal que afecta a soberania dos Estados e cuja substância se mantém, mas que modifica o seu carácter e se adapta a cada caso concreto, assumindo hoje formas qualitativamente novas em consequência de diversos factores que caracterizam o sistema internacional e as sociedades políticas, bem como as suas inter-relações.

Nesta ordem de ideias, a subversão na actualidade, que agrupámos em quatro grandes tipologias - *lumpen*, clânica e similares, popular e, global - manifesta-se devido a fenómenos como: a conurbação, o recrudescimento dos nacionalismos, as mudanças civilizacionais em diversas sociedades ou no confronto entre elas, o crime organizado, o terrorismo transnacional, a forma clássica da luta de libertação e ideológica, ou através da tradicional resistência à ocupação territorial. Estas causas podem ser alternativas ou cumulativas, encontrando a sua expressão mais violenta nas designadas guerras de quarta geração. Estas guerras são todas irregulares, sem regras, sem princípios, sem frente ou retaguarda, onde os objectivos são fluídos, no entendimento de que a única legitimidade é o exercício, tendo como maiores vítimas as populações.

As tipologias identificadas diferem sobretudo na organização e ideologia que da *lumpen* à global vão ficando mais complexas, na base e forma de recrutamento, que vai da simples necessidade individual de sobrevivência a motivações político-religiosas, sendo que a subversão global apresenta características distintivas das restante tipologias, como as intenções, objectivos, recrutamento e organização globais.

De comum, estas tipologias apresentam uma vontade de dominar os Estados ou o que deles resta, desafiando ou rejeitando o poder instituído, procurando a afirmação de formas alternativas de poder, sendo que a subversão global visa a modificação da actual ordem internacional, não procurando ela própria a tomada do poder mas a disseminação de uma forma de "governança".

O interessante nos conflitos de natureza subversiva é o serem sempre diferentes, cada caso é um caso, isto apesar de poder haver pontos comuns, reforçando a ilação que, na globalidade subversiva, se pode tirar: o factor surpresa é permanente, como permanentes são o fluir da História e a diversidade dos cenários e dos homens.

Bibliografia e Fontes

Monografias

BAUER, Alain; RAUFER, Xavier (2003) - *A Globalização do terrorismo*. Lisboa: Prefácio.

BECKETT, Ian (2005) - *Insurgency in Iraq: A historical perspective*. Carlisle: U.S. Army War College.

BYMAN, Daniel [et. al] (2001) - *Trends in outside support for insurgent movements*. Santa Monica: Rand Corporation.

CABRAL, Amílcar (1974) - *Guiné-Bissau - Nação Africana Forjada na Luta*. Lisboa: Ed. Nova Aurora.

CLAUSEWITZ, Carl Von (1976) - *Da Guerra*. Lisboa: Ed. Perspectivas e Realidades.

COLINS, John (2002) - *Military Strategy - principles, practices, and historical perspectives*. Washington: Brassey's.

COOPER, Robert (2004) - *The Breaking of nations. Order and chaos in the twenty-first century*. New York: Atlantic Monthly Press.

CREVELD, Martin Van (1998) - *La Transformation de la guerre*. Paris: Éditions du Rocher.

DOUGHERTY James; PFALTZGRAFF, Robert (2003) - *Relações Internacionais: As Teorias em confronto*. Lisboa: Gradiva.

GARCIA, Francisco (2000) - *Guiné 1963-1974: Os movimentos independentistas, o Islão e o Poder português*. Universidade Portucalense e Comissão Portuguesa de História Militar. Porto e Lisboa.

GIAP, Vo Nguyen (1972) - *Guerra do Povo Exército do Povo*. Lisboa: Ulmeiro.

HAMMES, Thomas (2004) - *The Sling and the stone - on war in the 21st Century*. Zenith Press.

HOLSTI, Kalevi (1996) - *The State, War, and the State of War*. Cambridge: Cambridge University Press.

IGNATIEFF, Michael (1998) - *The Warrior's Honor: ethnic war and the modern conscience*. London: Chatto and Windus.

KALDOR, Mary (2001) - *New and Old Wars: Organized violence in a global Era*. Stanford University Press.

KITSON, Frank (1971) - *Low intensity operations: Subversion, insurgency, peace-keeping*. London: Faber.

LAQUEUR, Walter (1984) - *Guerrilla. A historical and critical study*. London: Westview Press.

_ (1999) - *The New Terrorism: Fanaticism and the arms of mass destruction*. New York: Oxford University Press.

MANWARING, Max (2004) - *Shadows of things past and the images of the future: Lessons for the insurgencies in our midst*. Carlisle: US Army War College.

_ (2005) - *Street gangs: the new urban insurgency*. Carlisle: US Army War College.

MARIGHELLA, Carlos (1969) - *Manual do guerrilheiro urbano e outros textos*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Assírio e Alvim.

METZ, Steven (2000) - *Armed conflict in the 21st century: The Information revolution and post-modern warfare*. Carlisle: US Army War College.

METZ, Steven; MILLEN, Raymond (2004) - *Insurgency and counter-insurgency in the 21st century: Reconceptualizing threat and response*. Carlisle: US Army War College.

MONTEIRO, Amaro (1993) - *O Islão, o Poder e a Guerra (Moçambique 1964-1974)*. Porto: Universidade Portucalense.

MOREIRA, Adriano (1996) - *Teoria das Relações Internacionais*. Coimbra: Almedina.

MUCHIELLI, Roger (1976) - *La Subversion*. Paris: CLC.

O'NEIL, Bard (1990) - *Insurgency and terrorism. Inside modern revolutionary war*. Dulles: Brassey's.

PEARSON, Frederic; ROCHESTER, Martin (1997) - *International Relations: The global condition in the twenty-first century*. New York: McGraw-Hill.

ROPP, Steve (2005) - *The strategic implications of the rise of populism in Europe and South America*. Carlisle: US Army War College.

SANTOS, Loureiro dos (2004) - *Convulsões - Ano III da guerra ao terrorismo*. Lisboa: Europa-América.

SINGER, Peter (2004 b) - *Corporate Warriors - The rise of the privatized military industry*. New York: Cornell University.

_ (2005) - *Children at War*. New York: Pantheon books.

SMITH, Paul (1989) - *On Political war*. Washington: National Defense University.

SOKOLSKY, Richard, CHARLICK-PALEY, Tanya (1999) - *NATO and Caspian security: a mission to far?* Santa Monica: RAND Corporation.

TAW, Jennifer; HOFFMAN, Bruce (2005) - *The urbanization of insurgency*. Santa Monica: Rand Corporation.

TUNG, Mao Tse (1972) - *Seis artigos militares do presidente Mao Tse Tung*. Pequim: Edições em língua estrangeira.

TZU, Sun (1974) - *A Arte da Guerra*. Lisboa: Ed. Futura.

Contribuições em Monografias

ANGOUSTURE, Aline; PASCAL, Valérie (1996) - Diasporas et financement des conflits. In JEAN, François et RUFIN, Jean-Christophe (Coord.), *Economies des Guerres Civiles*. Paris: Hachette, p. 495-542.

JEAN, François (1996) - Aide Humanitaire et Economie de Guerre. In JEAN, François et RUFIN, Jean-Christophe (Coord.). *Economies des guerres civiles*. Paris: Hachette, p. 543-589.

KIRAS, James (2002) - Terrorism and irregular warfare. In BAYLIS, John [et. al.], *Strategy in the contemporary world. An introduction to strategic studies*. New York: Oxford University Press, p. 208-232.

LABROUSSE, Alain (1996) - Territoires et Réseaux: L'exemple de la Drogue. In JEAN, François et RUFIN, Jean-Christophe (Coord.). *Economies des Guerres Civiles*. Paris: Hachette, p. 467-494.

OLIVEIRA, Hermes de Araújo (1963) - A Resposta à guerra subversiva. In *Subversão e contra-subversão*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, p. 47-95.

RAMONET, Ignacio (2001) - Des nouveaux intérêts stratégiques. In BOUVET, Beatrice e DENAUD, Patrick - *Les guerres qui menacent les mondes*. Paris: Editions de Félin, p. 52-68.

ROMANA, Heitor (2004) - O Novo modelo do terrorismo islâmico: desafios à análise em informações estratégicas. In *Informações e Segurança: Livro em Honra do General Pedro Cardoso*. Lisboa: Editora Prefácio, p. 257-270.

WILLIAMS, Phil (2000) - Combating transnational organized crime. In *Transnational threats: blending law enforcement and military strategies*. Carlisle: U.S. Army War College, p. 185-202.

Artigos de Publicações em Série

BERZINS, Chris; PATRICK, Cullen (2003) - Terrorism and neo-medievalism. In *Civil Wars*. Vol 6: 2 (Summer), p. 8-32.

CARRIÇO, Manuel (2002) - Os novos desafios político-militares dos conflitos assimétricos. In *Revista Militar* n.º 8/9, Agosto/Setembro, p. 607-631.

GELB, Leslie (1994) - Quellin the teacup wars. In *Foreign Affairs*, n.º 73, 6, p. 2-6.

KALYVAS, Stathis (2003) - The Ontology of "political violence": action and identity in civil wars. In *Perspectives on politics*. Washington D.C.: American Political Science Association, Vol. 1, n.º 3, p. 475-494.

KENNEY, Michael (2003) - From Pablo to Ossama: Counter terrorism lessons from the war on drugs. In *Survival*. London: International Institute for Strategic Studies, Vol. 45, n.º 3, Autumn, p. 187-206.

LUTTWAK, Edward (1995) - Towards post-heroic warfare. In *Foreign Affairs*, Vol. 74, n.º 3, May-June.

MUNKLER, Herfried (2003) - The wars of the 21st century. In *IRRC*. March, Vol. 85, n.º 849, p. 7-22.

PAULINE, Baker; JOHN, Ausink (1996) - State collapse and ethnic violence: toward a predictive model. In *Parameters*. Carlisle: U.S. Army War College, Spring 1996, p. 19-31.

SÉMELIN, Jacques (2000) - Rationalités de la violence extrême. In *Critique internationale*. Paris: Presses de Sciences Po, n.º 6, hiver. p. 122-124.

SINGER, Peter (2004 a) - The war on terrorism: the big picture. In *Parameters*. Carlisle: U.S. Army War College, Summer, p. 141-148.

WINER, Jonathan; ROULE, Trifin (2002) - Fighting terrorism finance. In *Survival*. London: International Institute for Strategic Studies, Vol. 44, n.º 3, Autumn, p. 87-104.

Séries Monográficas

KUNG, T'ai (2003) - *Os Seis Ensinamentos Secretos*. Lisboa: Sílabo.

MACKINLAY, John (2002) - *Globalisation and insurgency*. Adelphi Paper 352. Oxford: Oxford University Press.

Actas de Congressos

MONTEIRO, Amaro (2002) - *Sobre a distinção entre guerrilha e terrorismo*, Comunicação apresentada no âmbito do Seminário Terrorismo: o combate nacional e transnacional, realizado no Convento da Arrábida, 4 e 5 de Julho de 2002.

Legislação e Outros Documentos Oficiais

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (EME) (1966 a) - *O Exército na guerra subversiva. I Generalidades*. Lisboa. Reservado.

_ (1966 c) - *O Exército na guerra subversiva - III Acção Psicológica*. Lisboa. Reservado.

Sítios na Internet

LADEN, Bin (2003) - Discursos [Em linha]. [Consultado em 12 Mar. 2005]. Disponível em <http://www.state.gov./s/ct/rls/pgtrpt/2003/31711.htm>

DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE (2005) - Letter from al-Zawahiri to al-Zarqawi, [Em linha]. Consultado em 12 Out. 2005. Disponível em <http://www.dni.gov/releases.html>